

## FUNCIONALIDADE DO MODALIZADOR *REALMENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DE EPISTÊMICO A MARCADOR DISCURSIVO

Anderson Monteiro ANDRADE<sup>1</sup>

Docente da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP  
Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a funcionalidade do advérbio modalizador **realmente** no *corpus* do grupo de estudo Discurso e Gramática-D&G. Guiamo-nos, para a elaboração desse estudo, principalmente pelos aportes teóricos de Andrade (2014); Castilho e Castilho (1993); Cervoni (1989); Le Querler (1996); Koch (1987); Nascimento e Silva (2012). No que diz respeito à metodologia empreendida, realizamos, inicialmente, uma revisão bibliográfica do trabalho de Andrade (2014) acerca do modalizador **realmente** e, posteriormente, por meio de uma abordagem qualitativa, seguimos as indicações metodológicas da pesquisa descritivo-analítica para descrever as funções que o **realmente**, no *corpus* selecionado, exerce no uso do português, bem como para analisar quais as implicações desse modalizador para a comunicação. Destarte, indicamos a existência de cinco funções do modalizador **realmente**, quais sejam: a-) modalizador epistêmico factual; b-) modalizador epistêmico hipotético; c-) modalizador epistêmico de avaliação subjetiva; d-) modalizador de intensificação de adjetivação; e-) modalizador discursivo. Diante das análises traçadas, podemos enfatizar que as funções do **realmente** apresentam estágios que se efetivam em contextos cujo uso emerge em interações comunicativas em que o elemento se representa como (+) lexical/concreto/objetivo, logo (-) abstrato/discursivo/subjetivo, bem como em contextos que evidenciam valor (-) lexical/concreto/objetivo, logo (+) abstrato/discursivo/subjetivo.

**Palavras-chave:** Modalizador. Realmente. Funções.

### Introdução

O presente texto apresenta algumas considerações acerca das funções que o advérbio **realmente** desempenha no uso do português brasileiro. A discussão teórica que levantamos diz respeito à modalização que tem por característica marcar os enunciados a partir de determinadas atitudes de quem o produz nas interações comunicativas. Sendo assim, sabendo-se que os advérbios modalizadores com terminação em *-mente* são, assim como alguns itens lexicais, capazes de, na enunciação, fazer revelar as atitudes, crenças *etc* do emissor em face do que enuncia, pretendemos analisar o advérbio **realmente** por um viés semântico-discursivo-pragmático.

Percebemos que existe uma tendência em se observar esse elemento linguístico por meio de abordagens que colocam em destaque aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos,

---

<sup>1</sup> Endereço Eletrônico: andemonteiro@gmail.com

sem observá-lo numa dimensão discursivo- pragmática, não se levando em consideração os efeitos de sentido nem tampouco as interações comunicativas. Sendo assim, objetivamos investigar as funções do **realmente** por meio de textos que compõem o grupo de Estudo Discurso e Gramática, doravante D&G.<sup>2</sup>

Este texto é constituído de 4 tópicos além deste tópico introdutório. No primeiro tópico, apresentamos algumas considerações sobre a modalização (teoria em que assentamos as nossas análises). No tópico seguinte, expomos a descrição do *corpus* e os procedimentos de análise adotados. Levamos em consideração, nesse tópico, o trabalho de Andrade (2014). No terceiro tópico, apresentamos as funções que o **realmente** exerce no *corpus* selecionado. No quarto, traçamos algumas conclusões que colocam em destaque a afirmação de que, sob viés funcional, determinadas formas, como a que analisamos, se adaptam às pressões do uso e podem ser observadas sob uma ótica gradiente que se estende de uma representação mais lexical para um uso mais discursivo.

### **A modalização no uso da língua**

No uso da língua, o enunciador imprime determinados propósitos/intenções em face daquilo que diz/enuncia por meio das modalidades que, sobejamente, influenciam no processo comunicativo, pois estabelecem o engajamento do enunciador na comunicação. Assim, como assinala Koch (1987, p.74) “na estruturação do discurso, a relação entre enunciados é frequentemente projetada a partir de certas relações de modalidade, donde se depreende a sua importância semântico-discursiva”. Assim, na enunciação, o usuário da língua deixa determinadas marcas que revelam sua intenção no evento enunciativo.

Diante do exposto, é necessário considerar que a modalização se representa recorrentemente pelos propósitos comunicativos do enunciador na situação em que a enunciação se estabelece, fazendo emergir efeitos de sentido acerca do dito. É pertinente observar, a este respeito, o que sinaliza Neves (2006, p.152) acerca da modalidade marcada por determinados elementos linguísticos. Para a autora:

Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o

---

<sup>2</sup> <http://www.discursioegramatica.letas.ufrj.br/>

falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca.

Nestes termos, a modalização “consiste em uma das estratégias semântico-discursivas que se materializam linguisticamente e se constitui em um ato de fala particular” (NASCIMENTO e SILVA, 2012 p. 108). Ou, ainda, pelos dizeres de Koch (1987, p. 75) as modalidades são:

[...] parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz; constituem atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionizadas.

Percebemos, até aqui, que a literatura estabelece que a modalização se assenta em aspectos semântico-discursivos. Todavia, no processo comunicativo, é cabível afirmar que tem efeito pragmático, pois, expressando a atitude do enunciador, introduz a sua importância e a do contexto nas interações verbais representadas por meio dos atos de linguagem.

Urge ressaltar que alguns teóricos denominam este fenômeno por modalização e outros preferem acolher o termo modalidade. Destaquem-se, desta observação, Lyons (1977); Cervoni (1989) e Koch (1987) quando investigam especificamente a modalidade marcada na linguagem e que, de alguma forma, tem seu nascedouro na lógica filosófica aristotélica pela investigação das expressões que se referem aos valores de verdade. Por outro lado, há aqueles que entendem que modalização e modalidade são interdependentes, pois enquanto esta relaciona-se especificamente à lógica, aquela, ainda que não despreze o estudo filosófico, diz respeito ao que é inerente às línguas naturais. Nestes termos, destacam-se, principalmente, Castilho e Castilho (1993) e Neves (2006).

A este respeito, Castilho e Castilho (1993, p. 217) sinalizam que “ há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular”. Assim, para que possamos tornar mais evidente as especificidades entre estes dois termos, seguimos o que asseveram esses autores quando assinalam que na modalidade “o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa)” e a modalização, por seu turno, tem sido usada quando “o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional”.

Destarte, entendemos que a modalização permite que o falante assuma uma relação mais proativa com aquilo que enuncia, ou seja, o enunciado se inscreve numa situação proposicional representada pelo engajamento do enunciador. Dessa forma, conforme estabelece Dubois (2001, p.414), a modalização efetiva-se “como a marca dada pelo sujeito a seu enunciado”, ou ainda, conforme Martelotta (2012, p.57) “os modalizadores expressam algum tipo de intervenção do falante que qualifica o conteúdo de seu enunciado por meio de sua validade ou das nuances emocionais e pragmáticas”.

Urge enfatizar que não basta apenas reconhecer a existência da modalização nos enunciados, mas, sobretudo, observar quais as nuances semântico-discursivo-pragmáticas que se representam a partir do item modalizador presente no enunciado e analisar, ainda que dedutivamente, quais as possíveis intenções do enunciador e as funções exercidas por determinado modalizador no processo comunicativo. Assim, a observação de elementos que assumem funções distintas devido às pressões do uso e às necessidades comunicativas ganha relevo entre os estudos linguísticos numa dimensão funcional.

Kiefer (1987, p. 77) trata modalidade e modalização numa noção de interdependência e estabelece a existência de três noções de modalização, quais sejam: i) expressão de possibilidade e de necessidade (alética/epistêmica/deôntica); ii-) expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva); iii-) Expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas).

Nossa observação - acerca do que assinala o teórico acima- ficará, como se verá adiante, entre i e iii, pois o modalizador **realmente** cumpre, no âmago do processo comunicativo, a função de atestar o valor de verdade, sendo, portanto, epistêmico, bem como indica outras funções ainda mais fluidas, distanciando-se, pois, do seu valor lexical, apresentando nuances discursivas.

A distribuição das noções do fenômeno em três aspectos também é observada nos estudos de Le Querler (1996). Nesta autora, encontramos a distribuição por meio das seguintes noções de modalização: subjetiva, intersubjetiva e objetiva. Nos dizeres da estudiosa, entende-se por modalização subjetiva a relação entre o sujeito enunciador e o conteúdo proposicional. Entende-se por modalização intersubjetiva a relação estabelecida entre o sujeito enunciador e um outro sujeito, a propósito do conteúdo proposicional. Entende-se por modalização objetiva o fato de o sujeito enunciador subordinar o conteúdo

proposicional a uma outra proposição. Trata-se de uma modalização que não depende nem de seu julgamento, nem de sua apreciação, nem de sua vontade.

Prende-nos a atenção a consideração sobre a modalização subjetiva e intersubjetiva, pois entram em jogo, no enunciado, as possíveis ações que o interlocutor desempenha a partir do que é dito. A noção intersubjetiva leva em consideração também o receptor (leitor/ouvinte) na interação comunicativa. Este tem um papel relevante na representação desse tipo de modalização.

Apresentamos, a partir de então, os tipos de modalização que se inscrevem nos postulados teóricos da linguística. A classificação tipológica que seguimos está representada principalmente nos trabalhos de Castilho e Castilho (1993) e de Nascimento e Silva (2012). É importante considerar que o **realmente** se enquadra em algumas destas tipologias e, quando esta relação for possível, apresentamos exemplos para facilitar a compreensão.

Para estes autores, os elementos linguísticos modalizadores estão agrupados em três tipos, apresentando, assim, distintas posições do falante diante do conteúdo proposicional. Assim, a modalização é classificada pelos seguintes tipos: modalização epistêmica, modalização deontica, modalização afetiva. Esta última é denominada por Nascimento e Silva (2012, p. 129) como modalização avaliativa, vez que:

[...] muito mais que revelar um sentimento ou emoção do locutor em função da proposição ou enunciado, esse tipo de modalização indica uma avaliação da proposição por parte do falante, emitindo um juízo de valor e indicando, ao mesmo tempo, como o falante quer que essa proposição seja lida.

A avaliação do locutor sobre o valor de verdade da proposição é a premissa para que a modalização epistêmica possa emergir nas interações de comunicação. A modalização deontica é representada por modalizadores que sinalizam que o falante considera obrigatória a ocorrência do conteúdo proposicional. Todavia, conforme Cervoni (1989, p. 61), “a modalização deontica também pode considerar o conteúdo da proposição como algo permitido ou facultativo.” O terceiro tipo de modalização representa-se pelas reações emotivas do falante enunciada em face do conteúdo proposicional.

Nesse sentido, a esta terceira classificação de modalização, preferimos seguir o que propõem Nascimento e Silva (2012) em acolher o termo modalização avaliativa no lugar de modalização afetiva. As tipologias da modalização nas línguas naturais que se efetivam por

meio de determinados elementos linguísticos resumem-se conforme a descrição da tabela abaixo:

MODALIZAÇÃO	IMPRIME NO ENUNCIADO
EPISTÊMICA	Considerações sobre o valor de verdade do conteúdo do enunciado.
DEÔNICA	O conteúdo do enunciado deve ocorrer ou é possível (facultativo ou permitido) que ocorra.
AVALIATIVA	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do conteúdo do enunciado, excetuando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deônica.

Tabela 1: Tipos de Modalização

Conhecidas, sumariamente, as classificações modalizadoras, enfatizamos que por cada uma apresentar singularidades discursivas próprias, dividem-se, com exceção da modalização avaliativa, em subtipologias. Assim, apresentamos as subtipologias modalizadoras passíveis de efetivação nas seguintes tipologias.

A premissa que caracteriza a tipologia epistêmica é a ocorrência da apresentação do valor de verdade presente no enunciado por meio de determinado item linguístico. A este respeito, Castilho e Castilho (1993, p. 143) fazem uma diferenciação a partir das possibilidades de ocorrência desta tipologia e, assim, dividem-na em epistêmica asseverativa, epistêmica quase-asseverativa e epistêmica delimitadora. Para que possamos tornar clara esta distinção, observemos as características de cada subtipologia epistêmica.

A modalização epistêmica asseverativa efetiva-se quando o falante conclui como verdadeiro o conteúdo proposicional. Conforme Castilho e Castilho (1993, p.218) “os asseverativos são selecionados quando o falante quer expressar uma alta adesão a esse conteúdo” e, sendo assim, representam-se por predicador assertivo. Assim, os autores consideram ocorrências afirmativas e negativas dos modalizadores asseverativos. Com o intuito de ilustrar as afirmações apresentadas sobre este ponto, criamos o seguinte exemplo:

- (1) **Realmente** o jogo aconteceu.

Em (1), é possível perceber que o modalizador **realmente** estabelece um valor de verdade acerca do conteúdo proposicional. Assim, para o falante que produziu este enunciado, o jogo, de fato, ocorreu. É, portanto, um modalizador epistêmico asseverativo afirmativo.

Outra possibilidade de ocorrência da modalização epistêmica efetiva-se por meio dos quase-asseverativos que se inscrevem em enunciados sempre que o falante considera o conteúdo proposicional quase certo ou como uma hipótese. Dessa forma, o enunciatador não se compromete com o valor de verdade da proposição, ou seja, não se responsabiliza pela noção de verdade do conteúdo proposicional instituído no enunciado. Assim, a verdade teria de ser confirmada, mas o enunciatador não toma para si a responsabilidade da confirmação.

Além dos asseverativos e quase-asseverativos, a modalização epistêmica pode ser representada pela subtipologia delimitadora e, sendo assim, os modalizadores desta natureza estabelecem os limites dos quais se deve considerar o conteúdo proposicional. Há, neste tipo de modalizador, uma negociação necessária à manutenção do diálogo entre os interlocutores.

Assim sendo, conforme Castilho e Castilho (1993,p.233), “os delimitadores têm uma força ilocucionária maior que os asseverativos e os quase-asseverativos”. Entendemos, pelo que assinalam os autores, que a força ilocucionária neste tipo de modalização é maior em relação aos já citados pelo fato de envolver o interlocutor no processo comunicativo em função do conteúdo proposicional. O modalizador epistêmico delimitador estabelece os limites dentro dos quais se deve interpretar o conteúdo da proposição. Efetiva-se, então, uma espécie de negociação entre o falante e o seu interlocutor.

Na esteira da abordagem das classificações da modalização no uso da língua, a literatura tem afirmado a existência da tipologia deôntica que tem a ver com a representação da obrigatoriedade nos enunciados. Acrescente-se a esta consideração a ocorrência, em alguns casos, da permissão como uma indicação também deste tipo de modalização. Contudo, encontramos em Cervoni (1989, p.69) a afirmação de que esta modalização se representa por meio de quatro eixos, quais sejam: o obrigatório, o proibido, o permitido e o facultativo. Sobre esta tipologia, afirmamos que o **realmente** não se enquadra.

Outra classificação da modalização pode ser definida pelo seu viés avaliativo, vez que indica uma avaliação da proposição por parte do falante e apresenta como ele deseja que essa proposição seja lida/interpretada. Nesse sentido, na modalização avaliativa, está caracterizada

a presença do juízo de valor que o enunciador imprime no conteúdo proposicional por meio de determinado elemento linguístico.

Sendo assim, Observemos o exemplo abaixo:

(2) **Realmente** gosto de sintaxe.

Em (2), o enunciador emite um juízo de valor em face do conteúdo da proposição. Nesse sentido, o advérbio modalizador **realmente** permite observar que o enunciado seja marcado por esse juízo de valor que é expresso pelo enunciador. Assim, o advérbio utilizado é o elemento que revela o ponto de vista do enunciador em relação ao dito. Neste sentido, o uso deste modalizador nesta tipologia ocorre em situações menos objetivas. Sua ocorrência efetiva-se em enunciados com processo verbal volitivo marcados pela atitude/desejo individual do agente.

Depois desta breve resenha sobre o que se convencionou, no âmbito da linguística, assinalar sobre a modalização, afirmamos que algumas considerações serão recuperadas na análise.

### **Caracterização do *corpus***

Após a apresentação e revisão da literatura que se faz presente neste trabalho e que, de alguma forma, contribuiu de forma significativa para que chegássemos aos resultados dispostos na análise deste trabalho, julgamos pertinente discorrer, neste momento, sobre a natureza do *corpus* utilizado e os encaminhamentos metodológicos que adotamos.

O *corpus* analisado foi organizado pelo grupo de estudo D&G. Este grupo foi fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ em 1991 e, desde então, tem se interessado por pesquisas de cunho funcionalista. Assim, membros do grupo organizaram amostras de língua falada e escrita com informantes de cinco cidades brasileiras, quais sejam: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. É importante enfatizar que o *corpus* está organizado a partir de informações colhidas na oralidade e na escrita por 171 informantes que estão assim divididos: a-) Juiz de Fora -20 informantes; b-) Rio Grande - 20 informantes; c-) Natal- 20 informantes; d-) Niterói- 18 informantes; e-) Rio de Janeiro- 93 informantes.



Ressalte-se que cada um dos informantes produziu cinco tipos diferentes de textos orais e, a partir destes, cinco escritos. Assim, foram produzidos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

É importante esclarecer que este trabalho faz parte de análise ulterior à dissertação de mestrado de Andrade (2014) que chegou, naquela ocasião, à conclusão, por meio da prototipicidade a partir da noção de frequência, de que o modalizador em *-mente* mais acionado no *corpus* D&G é, de fato, o **realmente** em detrimento de outros como **felizmente**, **alegremente**, **francamente** etc.

Para que possamos melhor verificar a frequência do **realmente** entre outras formas modalizadoras em *-mente*, utilizamos o gráfico abaixo que está inscrito no trabalho realizado por Andrade (2014).

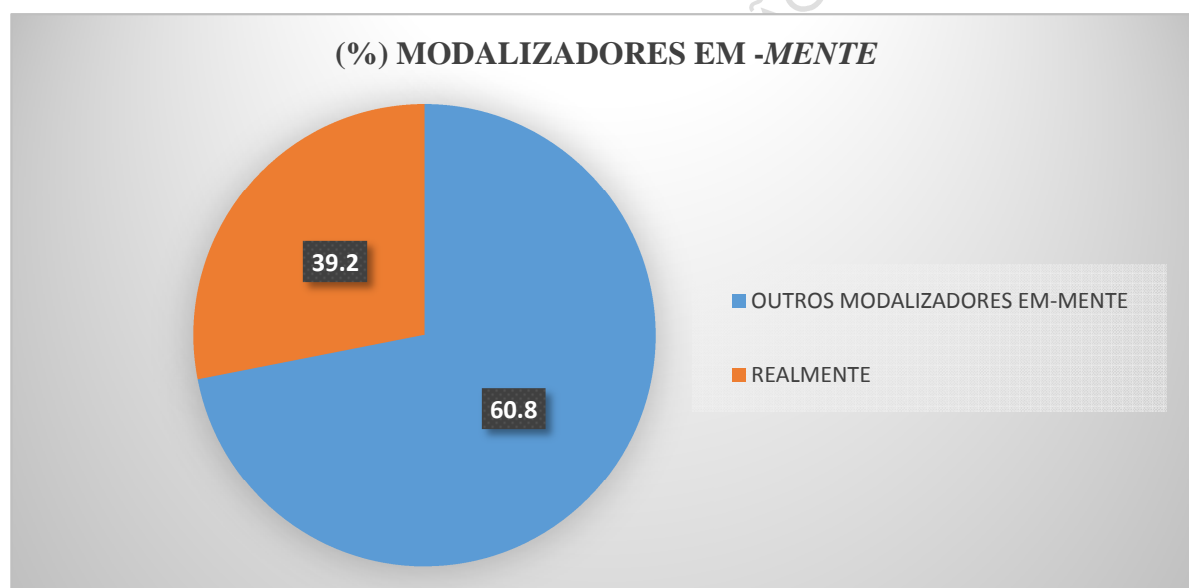


Gráfico 1: frequência do Realmente entre outros modalizadores em *-mente* no *corpus* D&

Reconhecido o modalizador mais frequente, urge assinalar que neste trabalho não nos interessa destacar a frequência do modalizador em tela em cada um dos cinco tipos de textos que compõem o *corpus* analisado nem na distinção da frequência na modalidade oral e escrita, mas, e sobretudo, analisar que o **realmente**, pode assumir outras funções a depender das intenções do falante na enunciação. Outrossim, não nos interessa traçar uma análise exaustiva do uso do modalizador em destaque nas funções que se encontram no tópico seguinte.

### **Funcionalidade do *realmente***

Após análise do que estabelece Andrade (2014) em relação ao **realmente**, assinalamos que esta representação morfológica (nome + *mente*) é contínua nos textos utilizados por usuários da língua. Nesse sentido, a partir de então, apresentamos algumas características das funções que o **realmente** desempenha e, em seguida, introduzimos exemplos retirados do *corpus* a fim de ratificar a função a que se vinculam.

### **Realmente em função epistêmico-factual**

Esta função tem como característica a representação do **realmente** como advérbio cuja incidência recai em toda a sentença e não exclusivamente em um constituinte oracional. Além disso, expressa as intenções/attitudes dos falantes em relação ao grau de verdade do que é enunciado com base no que acredita ser real. Destarte, assume a função de asseverar que algo pode ser verdadeiro ou falso, tomando como referência o conhecimento da realidade. Esta função tem a ver com a modalidade filosófica aristotélica ligada à lógica a que nos referimos no primeiro tópico deste texto.

Vejamos o exemplo:

- (a) eu estudei todo o primeiro grau num colégio... eh... estadual... né? cuja minha mãe cursava... artes... né? dava aula de artes... e eu me sentia... pra... praticamente em casa naquele colégio... não sei se porque a minha mãe... dava aula lá... acho/ acredito que sim... e vivi a maior/ oito anos da minha vida lá... bom... quando eu... eu fiz um teste... né? um/ uma espécie de... um mini vestibular pra entrar no São Francisco... eram noventa candi... candidatos pra:... quinze vagas... vinte vagas... eu passei no teste... tirei o oitavo lugar... fui super bem... né? e pensava que era um colégio normal como o outro... né? **realmente**... é um colégio normal como o outro... só que as condições que se colocam/

que eu... estava acostumado... meio/ é... um colégio meio...  
eh... vamos dizer assim... maternal.

É possível observar em (a) que o uso do **realmente** tem valor epistêmico asseverativo, uma vez que o enunciador apresenta certo valor de verdade àquilo que acredita ser real.

No que se refere à ordenação do realmente nesta função, cabe destacar que sua posição é fluida, podendo mover-se em determinadas posições na sentença.

### **Realmente em função epistêmico-hipotética**

Semelhante à função anterior, esta apresenta ligeira diferença pelo fato de indicar que o conteúdo proposicional é enunciado como algo que o falante acredita ser possível ou impossível de ser real em relação ao seu conhecimento sobre o fato expresso. Assim, o enunciador, ao lançar mão do realmente, nesta função, tem o interesse em diminuir o efeito de sua afirmação, eximindo-se de responsabilidade com a verdade do que enuncia. Há que se ressaltar que o uso do **realmente** nesta função é marcado linguisticamente pela conjunção “se”.

(b)...Ela ia almoçar com a mãe dela e o pai dela... e ele ia almoçar com os amigos dele no navio... e... aí depois na/ isso... eh... isso foi no domingo... e depois no domingo de tarde ela tinha combinado de ver o jogo... com ele... né? e no domingo/ na segunda-feira de manhã ele ia... embora... pra Argentina... que ele trabalha num:: na/ num navio/ não é bem navio... é uma::/ esse troço aí... submarino... eu acho que é ... que não tem um/ não para assim... para dois dias num lugar e segue para/ o trabalho delas é sempre em alto mar... né? então agora eu não sei se isso é um refúgio dela... ou se ela **realmente**... ela está apaixonada pelo cara...

Percebemos, em (b), que o enunciador ou de fato não tem certeza do que enuncia (se o referente a quem faz alusão está, de fato, apaixonado por alguém) ou se, tentando não se comprometer com o que enuncia, usa o **realmente** como algo possível, mas não pode ou não

quer investir o enunciado de verdade. É necessário frisar que o uso do **realmente** nesta função vai ao encontro ao que a teoria da modalização estabeleceu quando assinalou a possibilidade de ocorrência em situações epistêmicas quase-asseverativas, fato que fizemos menção anteriormente.

### **Realmente em função epistêmica de intensificação adjetival**

O uso do realmente nesta função cumpre papel de intensificação do que é expresso por adjetivos que se relacionam ao modalizador em tela. Sendo assim, sua função seria a de enfatizar/acentrar ainda mais a informação de que o enunciador estabelece um valor de verdade por meio de um adjetivo que apresenta sentido gradativo, ou seja, que apresenta noção de escalaridade.

Vejamos:

( c ) Eu sei que eles começaram a se conhecer e tudo ... aí depois ... ele levou ela pro hotel ... o hotel super chique ... e ela toda desarrumada assim ... brega mesmo ... né? quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... aí ele tirou o casaco dele ... e colocou nela ... mas ela muito bonita ... ela é muito bonita **realmente** ... né?

O uso do **realmente** em (c) ocorre em situação epistêmica, vez que o enunciador institui em seu dizer valor de verdade frente à informação que apresenta. Todavia, o que diferencia da função epistêmico-factual é que o modalizador é precedido por adjetivo. No caso específico, notamos que o **realmente** é antecedido por adjetivo em grau superlativo absoluto analítico, permitindo, portanto, afirmar que seu uso serve para acentuar, colocar em relevo o valor de verdade do que o enunciador acredita ser real. Ressalte-se que o modalizador nesta função, como já afirmado, ocorre em proposições em que estejam presentes adjetivos que apresentem ideia gradativa, marcada pela presença, no caso de adjetivo em grau superlativo absoluto analítico, do advérbio muito/muita/bastante e, em se tratando de adjetivo

em grau superlativo sintético, pelo sufixo- íssimo/íssima. Reiteramos que o uso do realmente nesta função é uma extensão da função epistêmico-factual, vez que além de apresentar valor de verdade frente ao dito, o faz de forma marcada pela presença de adjetivo em grau superlativo analítico ou sintético. Assim, é possível estabelecer, portanto, que o grau de certeza do que o enunciador informa é verdade, uma vez que o engajamento, o comprometimento do falante é maior em face do que enuncia.

### **Realmente em função de avaliação subjetiva**

Esta função estabelece que o enunciador apresenta avaliação particular, ou seja, subjetiva sobre a relevância da situação contextualizada na proposição. Tem como marca linguística a presença de verbos que instituem determinada atitude proposicional por parte do enunciador que, engajado com o dito, apresenta posicionamento subjetivo sobre determinado fato.

- (d) o local que eu mais gosto de ficar **realmente** é lá na... na varanda da minha casa mesmo... que eu... eu gosto de ficar ouvindo mú::sica... aos sábados à noite... né? prefe... preferencialmente... lá tem:::... tem cer:::ca... tem... tem um visual muito... amplo... tem um morro assim... em frente... tem árvores... tem uma estrada larga ((falha de gravação)) tem um... um posto médico na fren:::te... tem uma escada do lado... tem bastante gato lá... que fica andando de noite lá... pro um lado pro outro... brigando um com outro... eu fico lá assim... né? ouvindo música... de noite... até::: meia noite mais ou menos..

É possível perceber que em (d) o **realmente** é acionado em situação que atesta a subjetividade de quem o enuncia frente a uma preferência que lhe é particular (o lugar em que gosta de ficar). Neste sentido, o uso deste modalizador, nesta função, ocorre em situações menos objetivas em que se atesta o valor de verdade sobre algo, mas seu acontecimento se dá em processo verbal volitivo, marcando, sobejamente, atitude/desejo individual do agente. Mais do que apresentar valor de verdade em relação ao que enuncia, o falante, neste caso,

apresenta uma avaliação subjetiva, permitindo, assim, afirmar que o uso do **realmente**, nesta função, é mais discursivo do que o uso em situação epistêmica. Há, portanto, uma gradiência do realmente se comparado ao que se apresenta em função epistêmico-factual ou hipotética, vez que, em avaliação subjetiva, é possível perceber que o uso do modalizador é menos concreto/objetivo, passando a ser, portanto, mais abstrato/subjetivo. É cabível enfatizar que o uso do **realmente**, neste caso, vai ao encontro ao que a literatura tem afirmado quando assinala que uma das possibilidades de efetivação da modalização é a avaliativa, algo que fizemos menção no primeiro tópico desse texto.

### **Realmente em função de marcador discursivo**

O **realmente**, nesta função, apresenta valor ainda mais abstrato se comparado aos exemplos das funções anteriores. Sendo assim, sua ocorrência institui marca discursiva que se distancia da caracterização lexical/concreta como foi possível perceber na função epistêmico-factual e epistêmico- hipotética. Quando empregado como marcador discursivo, o **realmente**, numa condição *sine qua non*, vem acompanhado do elemento dêitico **assim**, seja em posição anafórica ou catafórica, permitindo a instanciação construcional **realmente assim**. Ressalte-se que esta construção desempenha, além da função textual, uma vez que institui coesão com determinadas partes do texto seja em movimento de retrospecção ou prospecção, uma função de ordem interpessoal, mantendo, por assim dizer, a interlocução do processo comunicativo, bem como atua como recurso estratégico de planejamento da fala.

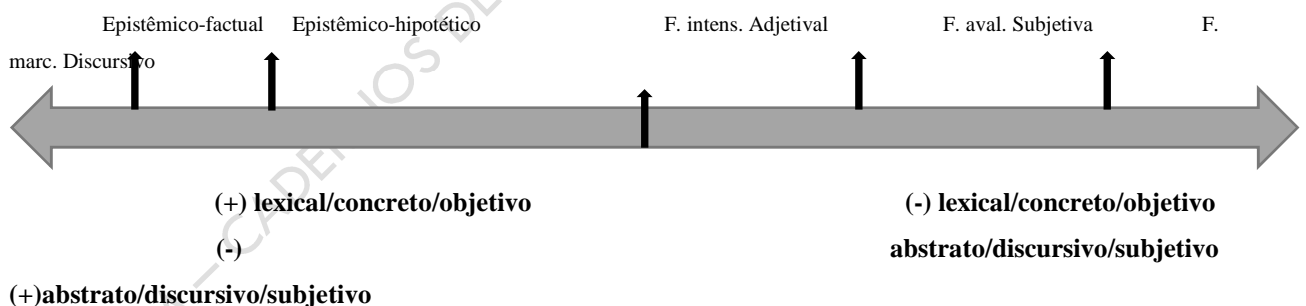
(e)... o carro super ... sabe ... ve/ veloz e ele ... bem devagarinho ... aí ela ... “pera aí ... vamo trocar de lugar” ... aí ... mas corria tanto ... sabe? velocidade mesmo ... aí eu sei que eles começaram a se conhecer e tudo ... aí depois ... ele levou ela pro hotel ... o hotel super chique ... e ela toda **realmente assim** ... brega mesmo ... né? quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta...

Sobre o que está disposto (e), é necessário assinalar que o **realmente** se funde ao **assim**, o que nos permite, portanto, afirmar que há um movimento discursivo evidente

marcado pela construção **realmente assim** que evidencia um distanciamento do uso do **realmente** em relação a funções anteriores, haja vista que, na função de marcador discursivo, este modalizador se amalgama, a partir da fusão com o **assim**, estabelecendo, portanto, que o enunciador revela não apenas o valor de verdade frente ao que afirma, mas o seu uso é menos lexical do que foi visto nas outras funções, passando a assumir valor ainda mais abstrato. O **assim**, em (e), cujo valor semântico é modal e se relaciona com o que será enunciado posteriormente, sendo, por **assim** dizer, um elemento dêitico catafórico discursivo/textual, é marcado pelo modalizador **realmente** que, juntos, estabelecem um valor (-) lexical/concreto em relação aos usos anteriormente apresentados.

### Conclusões a que chegamos

Diante das análises traçadas, podemos enfatizar que as funções do **realmente** apresentam estágios que se efetivam, conforme pode ser visto na ilustração abaixo, em contextos em que seu uso emerge em interações comunicativas cujo elemento se representa como sendo (+) lexical/concreto/objetivo (-) abstrato/discursivo/ subjetivo, bem como em contextos que assinalam um valor (-) lexical/concreto/objetivo, logo (+) abstrato/discursivo/ subjetivo.



As funções do modalizador **realmente** apresentadas no tópico anterior seguem, com algumas modificações, o que a teoria da modalização tem afirmado sobre as possíveis ocorrências nas devidas classificações mencionadas no tópico 1 deste texto. Destarte, foi possível perceber que, verdadeiramente, o **realmente** é frequentemente acionado em situações comunicativas em que o enunciador estabelece valor de verdade em relação ao dito. Assim, o uso deste modalizador nas interações comunicativas é, proeminentemente epistêmico.

Todavia, há que se ressaltar que dentro do grupo dos epistêmicos o **realmente** apresenta fluidez, uma vez que sua ocorrência pode se efetivar em situações em que o enunciador apresenta certeza em relação ao que afirma em situações factuais; em situações em que o falante ou por não ter certeza ou por não querer se comprometer por alguma razão com o que enuncia (função epistêmico-hipotética); em situações em que o valor de verdade do que enuncia é ainda maior em relação à função epistêmico-factual, haja vista que há um engajamento maior do enunciador que se evidencia pelo uso do adjetivo em sentido gradativo seja como superlativo absoluto analítico ou sintético. Nesse sentido, é possível afirmar que o **realmente**, na função de intensificação adjetival, é menos lexical e, portanto, mais abstrato do que os usos das funções epistêmico-factual e hipotética.

Além disso, o **realmente** pode emergir em situações mais discursivas em situações em que haja um engajamento do enunciador a partir de uma avaliação subjetiva que, como foi visto anteriormente, é marcada pela presença de verbos volitivos que atestam, conforme assinala Le Querler (1996), a relação entre o sujeito enunciador e o conteúdo proposicional, enfatizando, portanto, a atitude/desejo pessoal do falante.

Outrossim, no bojo de uma representação ainda mais discursiva, o modalizador em tela circunscreve-se a partir da construção **realmente** assim em contextos menos concretos dos que foram vistos anteriormente, permitindo, então, afirmar a existência de um *cline* de gramaticalização que se inicia em representação mais lexical para um uso mais abstrato/discursivo.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Anderson Monteiro. *Os advérbios modalizadores no uso da língua: uma análise discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado.UFPB/CCHLA,2014.

CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C.M.M. Advérbios modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org). *Gramática do português falado*. Vol. II: níveis de análise linguística. 2º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CERVONI, Jean. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

DUBOIS, Jean *et al*. *Dicionário de Linguística*. 15º. Edição. São Paulo: Cultrix, 2001.



KIEFER, F. *On defining modality*. Folia Linguistic, vol. 21, n° 1 p. 67-93, 1987.

KOCH. Ingedore V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

LE QUERLER, Nicole. *Typologie des modalités*. Cean, France: Presses Universitaires de Cean, 1996.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTELOTTA, M.E. Advérbios- conceitos e tendências de ordenação. IN: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura(orgs) *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. P.13-96. Niterói: Editora da UFF, 2012.

NASCIMENTO, Erivaldo P. do; SILVA, Joseli Maria da. Modalização. In: ESPÍNDOLA. L. (org). *Teorias pragmáticas e ensino*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

\_\_\_\_\_. *A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-discursivas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

## **FONCTIONNALITÉ DE MODALIZADOR VRAIMENT DANS LE PORTUGAIS BRÉSILIE: D'EPISTEMICO A MARQUEUR DISCURSIF**

### **RESUMÉ**

Ce travail a pour l'objectif de décrire et analyser la fonctionnalité de l'adverbe modalizador vraiment dans le corpus du groupe d'étude le Discours et Grammar-D&G. Nous avons tiré l'observation qui dépasse une analyse formelle concernant cette catégorie, parce que nous avons pris en compte le plan discursif-pragmatique en raison de la fluidité qui présente. Dans ce sens, il presse pour marquer cet un peu de travail d'adverbes comme modalizadores du contenu propositionnel car ils présentent de certaines interventions et les évaluations de l'enunciador. Nous avons trouvé les présences du modalizador analysé dans les situations qui se réfèrent aux événements plus factuels, aussi bien que dans des situations dans lesquelles les utilisations sont plus subjectives. Comme ceci, que l'élément linguistique peut exprimer le béton / la signification lexicale / je vise, aussi bien qu'exécuter dans plus de resumé / des situations pragmatiques / interpersonnelles. Comme ceci, nous

*avons trouvé, dans le corpus supramencionado, cinq fonctions du modalizador vraiment, pour lequel nous avons dénommé: a-) modalizador epistêmico factuel; b-) modalizador epistêmico hypothétique; c-) modalizador epistêmico d'évaluation subjective; d-) modalizador d'intensification adjectivale; et-) modalizador discursif.*

**Mots clés:** Modalizador. Vraiment. Fonctions

**Envio: março/2017**

**Aceito para publicação: novembro/2017**

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267